



Práticas Discursivas da Palestinidade Feminina em Educação para os Direitos Humanos

Keithe Souza Matos Abdel Hamid – UnB

Grupo de Trabalho: GT 2 – Democracia, Conjuntura Política, Sofrimento e Resistências

RESUMO:

Esta pesquisa investiga detalhadamente as práticas discursivo-identitárias da palestinidade feminina entre as integrantes da Federação Árabe Palestina no Brasil (FEPAL) que participam ativamente das atividades do Laboratório de Escrita do GECRIA. O tema central aborda a escrita autoral das mulheres palestinas como um instrumento fundamental de afirmação identitária, preservação da memória coletiva e resistência política em defesa dos direitos humanos, combatendo de forma ativa as políticas de desumanização e o constante apagamento histórico sofrido. O objetivo geral é investigar detalhadamente como essas práticas discursivas constroem sentidos de pertencimento, memória e agência no contexto desafiador da diáspora. Metodologicamente, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico-crítico e discursivo. A execução metodológica envolve a triangulação rigorosa de dados obtidos em rodas de conversa, oficinas de escrita criativa e observações participantes, permitindo interpretar as práticas sociais analisadas. A fundamentação teórica ancora-se na Análise de Discurso Crítica de Chouliaraki e Fairclough (1999), na perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin (2012) e na pedagogia política de bell hooks (2013). Os resultados preliminares apontam que a escrita autoral constitui uma prática educativa e emancipatória que articula memória e resistência frente às tentativas de silenciamento, resultando inclusive em produções acadêmicas coletivas. Conclui-se que tais produções funcionam como ferramentas potentes de transformação social e decolonialidade, assegurando direitos fundamentais de expressão, memória e dignidade humana. Através deste processo reflexivo, a palavra torna-se um espaço de luta contra-hegemônico e de afirmação da humanidade, consolidando o compromisso ético da pesquisa com a justiça social e a visibilidade de vozes silenciadas na esfera pública contemporânea.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica; Direitos humanos; Escrita autoral; Memória; Palestinidade feminina; Resistência.



1. INTRODUÇÃO

A luta do povo palestino, atravessando séculos de ocupação, colonialismo, apartheid, exílio e diáspora, tem sido marcada por políticas de desumanização e pela tentativa constante de apagamento histórico. Nesse contexto, a escrita autoral das mulheres palestinas emerge como um poderoso instrumento de afirmação identitária, preservação da memória coletiva, resistência e defesa dos direitos humanos. O projeto de pesquisa “Memórias que palestina em nós: escrita autoral e representações discursivas no Coletivo de Mulheres da Federação Árabe Palestina do Brasil (FEPAL)” insere-se na tradição da Análise de Discurso Crítica (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Magalhães et al., 2017), articulado à escrita autoral, a fim de registrar experiências pessoais e coletivas, reafirmando direitos fundamentais, como dignidade, liberdade de expressão e justiça social.

O objetivo geral desta investigação é investigar, a partir da perspectiva da ADC, as práticas discursivo-identitárias da palestinidade feminina das integrantes da FEPAL e participantes das oficinas do Laboratório de Escrita, destacando como tais discursos constroem sentidos de pertencimento, de memória e de resistência. A pesquisa busca compreender como essas práticas fortalecem a agência e a identidade coletiva, justificando-se pela urgência ética de dar visibilidade às vozes palestinas em diáspora frente às constantes violações de direitos.

Quanto à metodologia, o estudo assume um caráter qualitativo de cunho etnográfico-crítico e discursivo. Os sujeitos envolvidos são mulheres palestinas e brasileiro-palestinas que participam ativamente de rodas de conversa e oficinas de escrita criativa vinculadas ao Laboratório de Escrita do GECRIA (Grupo de Pesquisa em Educação Crítica e Autoria Criativa). A execução metodológica envolve a triangulação de produções textuais, observações participantes e notas de campo para interpretar as práticas sociais analisadas. Como afirma Paulo Freire: “A existência humana implica assombro, pergunta e risco. E, por tudo isso, implica ação. Transformação” (Freire; Faundez, 1985, p. 51). Nesse



sentido, a escrita autoral torna-se uma forma concreta de participação na luta por direitos humanos, combatendo ativamente o silenciamento e a desumanização.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa fundamenta-se na Análise de Discurso Crítica (ADC), conforme Fairclough (1992; 2001) e Chouliaraki e Fairclough (1999), compreendendo o discurso como uma prática social que significa e constitui o mundo, as identidades e as relações de poder. Sob o enquadramento realista-crítico, o discurso é situado como um momento constitutivo da prática social, articulando-se dialeticamente com as relações sociais e os processos mentais. Tal perspectiva permite entender as práticas discursivas como dimensões onde se revelam tensões e possibilidades de transformação social, em que o discurso é moldado pela história ao mesmo tempo em que contribui para configurá-la.

Nesse horizonte, a escrita autoral criativa é concebida como um gesto de significação e resistência, por meio do qual sujeitos subalternizados reconfiguram narrativas e inscrevem suas vozes na esfera pública. Essa postura alinha-se à noção de resistência crítico-transgressiva e decolonial (Dias; Coroa; Lima, 2018), em que resistir implica deslocar regimes de poder e romper com lógicas coloniais que sustentam desigualdades. Complementarmente, a perspectiva bakhtiniana (2012) é fundamental para compreender a autoria como ato ético-estético, em que todo enunciado envolve um posicionamento ativo e responsável diante do mundo.

No âmbito dos Direitos Humanos, o discurso torna-se um espaço de visibilidade e dignificação de vozes silenciadas. As produções textuais de mulheres palestinas em diáspora materializam práticas que afirmam identidades coletivas e memórias negadas, atuando como resistência simbólica e política. Por fim, em diálogo com hooks (2013), o estudo reconhece o diálogo como prática pedagógica e política essencial para atravessar fronteiras de raça, gênero e classe, promovendo empatia e justiça social. Assim, este arcabouço articula a ADC a uma visão decolonial e interseccional, compreendendo a escrita como ato de criação e afirmação da humanidade.



3. METODOLOGIA

Esta pesquisa qualitativa assume um cunho etnográfico-crítico e discursivo, focando nas autorrepresentações da palestinidadade feminina sob uma perspectivaêmica (Duranti, 1997). As atividades envolvem mulheres integrantes da FEPAL e participantes do Laboratório de Escrita do GECRIA por meio de rodas de conversa e oficinas de escrita criativa. A execução metodológica baseia-se na triangulação de dados, analisando produções textuais em conjunto com observações participantes e notas de campo. O percurso visa interpretar e transformar as práticas sociais analisadas, alinhando-se estritamente aos princípios de justiça social e direitos humanos.

4. RESULTADOS/DISCUSSÃO

Os resultados preliminares da pesquisa indicam que, embora o Laboratório de Escrita ainda não tenha sido formalmente realizado, o processo investigativo já colhe frutos significativos por meio de rodas de conversa e atividades de escrita desenvolvidas organicamente nos coletivos de mulheres. Essas práticas têm resultado em produções acadêmicas coletivas sobre a palestinidadade, o que evidencia a força da linguagem como instrumento de agência e conscientização social.

Tais achados corroboram a perspectiva de hooks (2013), que define o diálogo como uma prática pedagógica e política essencial, capaz de atravessar fronteiras e promover a solidariedade e a empatia entre as participantes. A existência dessas produções coletivas reforça a compreensão da autoria como um ato ético e responsável (Bakhtin, 2012) e demonstra como a escrita autoral já atua como uma ferramenta de microrresistência e preservação da memória frente ao apagamento histórico. Assim, os dados iniciais apontam que a palavra escrita nos coletivos funciona como um espaço de luta contra-hegemônico e de afirmação da humanidade.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita autoral de mulheres palestinas e brasileiro-palestinas constitui uma prática educativa e emancipatória que articula memória, resistência e agência. Como gesto contra-hegemônico, transforma a palavra em espaço de luta e afirmação da humanidade, evidenciando o potencial das produções discursivas como instrumentos de transformação social, alinhados a uma postura ética, decolonial e comprometida com os direitos humanos.

REFERÊNCIAS

Bakhtin, M. (2012). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.

Chouliaraki, L., & Fairclough, N. (1999). **Discourse in late modernity: Rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Dias, C., Coroa, F., & Lima, R. (2018). Resistência crítico-transgressiva e decolonial. **Revista de Estudos Culturais**, 12(3), 45-62.

Duranti, A. (1997). **Linguistic anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press.

Fairclough, N. (1992). **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press.

Fairclough, N. (2001). **Language and power** (2nd ed.). London: Longman.

Freire, P., & Faundez, A. (1985). **Aprender a ler o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

hooks, b. (2013). **Ensinando a transgredir**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Magalhães, E., et al. (2017). **Análise Crítica do Discurso: teoria e métodos**. Belo Horizonte: Autêntica.

Resende, G., & Ramalho, A. (2011). **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto.